



Universidade Federal De Ouro Preto (UFOP)
Instituto de Filosofia Artes e Cultura (IFAC)
Departamento De Artes Cênicas (DEART)
Licenciatura em Artes Cênicas (COLAC)



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GENTRIFICAÇÃO, CORPO E PERTENCIMENTO:
UMA ANÁLISE ACERCA DO MAPA DE AFETOS NA ESCOLA MUNICIPAL
IZAURA MENDES - OURO PRETO - MG

ISABELA CRISTINA RESENDE SILVA

OURO PRETO - MG
2023



Universidade Federal De Ouro Preto (UFOP)
Instituto de Filosofia Artes e Cultura (IFAC)
Departamento De Artes Cênicas (DEART)
Licenciatura em Artes Cênicas (COLAC)



Isabela Cristina Resende Silva

GENTRIFICAÇÃO, CORPO E PERTENCIMENTO:
UMA ANÁLISE ACERCA DO MAPA DE AFETOS NA ESCOLA MUNICIPAL IZAURA
MENDES - OURO PRETO- MG.

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Artes Cênicas – Licenciatura do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador (a): Prof.(a) Dr.(a) Marcelo Rocco

OURO PRETO – MG

2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabela Cristina Resende Silva

GENTRIFICAÇÃO, CORPO E PERTENCIMENTO:

Uma análise acerca do mapa de afetos na Escola Municipal Izaura Mendes - Ouro Preto - MG

Artigo apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado de Artes Cênicas.

Aprovada em 28 de março de 2023.

Membros da banca

[Doutor] -Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Orientador (UFOP)
[Doutora] - Elvina Maria Caetano Pereira - (UFOP)
[Mestre] - Tamira Mantovani Gomes Barbosa - (Pesquisadora Externa)

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi, COORDENADOR(A) DE CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**, em 04/05/2023, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0519418** e o código CRC **706C4410**.

RESUMO

O presente artigo analisa a relação de estudantes da educação básica de Ouro Preto com a cidade, estimulando uma reflexão sobre os processos de gentrificação e seu impacto na relação dos estudantes com a cidade. O estudo apresenta as práticas de formação realizadas por mim durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como um espaço de questionamento e desconstrução. A partir da etimologia da palavra “nativo”, o texto faz um breve panorama histórico da cidade, tratando também da relação sociocultural dos moradores com ela. Para mapear os afetos dos alunos com a escola, bairro e comunidade, foi utilizado o exercício de Mapa de Afetos, que buscou vincular a experiência e o território. A partir do mapeamento dos espaços de afeto, foram propostos exercícios teatrais baseados no Teatro do Oprimido de Augusto Boal, com o objetivo de questionar esses espaços e estimular o protagonismo dos alunos.

Palavras Chave: Gentrificação. Corpo. Pertencimento. Mapa de afetos. Teatro do oprimido.

RESUMEN

Este artículo analiza la relación entre los estudiantes de educación básica de Ouro Preto y la ciudad, estimulando una reflexión sobre los procesos de gentrificación y su impacto en la relación entre los estudiantes y la ciudad. El estudio presenta las prácticas formativas realizadas por mí durante el Programa Institucional de Becas de Iniciación Docente (PIBID) como un espacio de cuestionamiento y desconstrucción. A partir de la etimología de la palabra “nativo”, el texto hace un breve recorrido histórico de la ciudad, abordando también la relación sociocultural de los pobladores con ella. Para mapear los afectos de los estudiantes con la escuela, el barrio y la comunidad, se utilizó el ejercicio Mapa de Afecto, que buscó vincular la experiencia y el territorio. A partir del mapeo de espacios de afecto se propusieron ejercicios teatrales basados en el Teatro del Oprimido de Augusto Boal, con el objetivo de cuestionar estos espacios y estimular el protagonismo de los estudiantes.

Palabras clave: Gentrificación. Cuerpo. Pertener. Mapa de afecto. Teatro del Oprimido.

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between students of basic education in Ouro Preto and the city, stimulating a reflection on the processes of gentrification and its impact on the relationship between students and the city. The study presents the training practices carried out by me during the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID) as a space for questioning and deconstruction. From the etymology of the word “native”, the text makes a brief historical overview of the city, also dealing with the sociocultural relationship of the residents with it. To map the students' affections with the school, neighborhood and community, the Affection Map exercise was used, which sought to link the experience and the territory. From the mapping of spaces of affection, theatrical exercises were proposed based on Augusto Boal's Theater of the Oppressed, with the aim of questioning these spaces and stimulating the students' protagonism.

Keywords: Gentrification. Body. Belonging. Affection map. Theater of the Oppressed.

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO - A relação entre a gentrificação da cidade e o processo de apagamento da população ouropretana

Durante minha escrita acerca do objeto da presente pesquisa, eu me deparei com um áudio que um colega me enviou de um diálogo com outra pessoa, áudio esse que vou transcrever tal qual eu recebi:

"É o da última eu já gostei pra caramba muito bom, apesar que eu sendo sincero com cê vei, tá indo muito nativo no rock vei, e sei lá eu curto os rock que vai gente de república fraga? Uma galera de boa, esse povo daqui dá muita confusão, não tem assunto direito, mas eu acho que vai ser daora." (Acervo pessoal).

Partindo dessa transcrição eu gostaria de iniciar o meu trabalho. Nativo. Palavra oriunda do latim *nativus* e significa nascido, próprio do lugar onde nasce. (FERREIRA, 2010.p.1342). A palavra nativo foi o primeiro adjetivo que ouvi na cidade de Ouro Preto¹ quando uma pessoa “forasteira” iria se referir a um cidadão ouropretano. A cidade histórica de Minas Gerais, com cerca de 311 anos, traz consigo um passado marcado pela escravidão e pelos abusos da coroa portuguesa, além de estruturas arquitetônicas majestosas que, em sua história, foram financiadas pela igreja católica para mostrar poder e soberania, sendo importantes para o movimento do barroco mineiro e rococó. Reconhecida, em 1938, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio histórico-cultural e, em 1980 pela UNESCO, como patrimônio da humanidade, Ouro Preto atrai o olhar de turistas do mundo inteiro.

Ademais, a cidade também é sede da primeira Escola de Farmácia do Brasil, fundada no ano de 1839 e da Escola de Minas, primeira instituição brasileira dedicada ao ensino de mineração, metalurgia e geologia, fundada no ano de 1876, sendo as duas escolas, a origem da Universidade Federal De Ouro Preto (UFOP). Desta forma, a cidade engloba uma cultura universitária centenária, que também será importante para desenvolver a análise sobre espaço, sujeito e pertencimento.

Sendo assim, o presente artigo visa desenvolver uma análise sobre a relação dos estudantes nativos de Ouro Preto com a cidade, tratando sobre como o corpo dos estudantes reflete a falta de pertencimento nos espaços da cidade, partindo inicialmente de uma análise histórica sobre o processo de gentrificação em Ouro Preto até os dias atuais, pontuando

¹ Ouro Preto – A origem de Ouro Preto está no arraial do Padre Faria, fundada pelo bandeirante Antônio Dias de Oliveira, pelo Padre João de Faria Fialho e pelo Coronel Tomás Lopes de Camargo e um irmão, deste, por volta de 1698. Disponível: < <https://ouropreto.mg.gov.br/historia> >

também a divisão dos grupos que se estabeleceram na “cidade histórica/ cidade universitária”. Para tratar dos processos de gentrificação da cidade e de exclusão de seus moradores nativos, precisarei falar sobre a história de Ouro Preto, em um breve panorama.

Ouro Preto - Patrimônio da humanidade.

As belezas e os encantos de uma cidade muitas vezes não deixam que nosso olhar perceba as mazelas que estão presentes nela e fazem parte do seu dia a dia (SILVEIRA,2021). Apesar de hoje em dia Ouro Preto ter um valor histórico e artístico imensurável para sociedade brasileira, a cidade traz consigo uma história de afastamento e apagamento da cultura local, que são resultados dos processos de gentrificação e segregação que marcam a história da cidade desde seu início.

Em 1720, Ouro Preto foi escolhida como capital de Minas Gerais, entretanto, no início do séc. XIX, a cidade era vista como decadente, arcaica, suja e mal estruturada, por suas ruas complexas e de difícil acesso. Uma vez proclamada a República no Brasil, tudo o que representava ou remanescia dos períodos anteriores, império e colônia, deveria ser excluído ou substituído pelas normas e símbolos do regime que se instaurava (PINHEIRO, 2002). Para continuar sediando a capital mineira, a cidade passou a sentir necessidade de abandonar o passado colonial e se adequar à modernização, sendo necessárias adaptações e melhorias.

A cidade era considerada um núcleo urbano atrofiado, uma vez que suas ruas seriam, nesta perspectiva, demasiado irregulares e estreitas, mal traçadas, não suprimindo assim as exigências modernas de circulação e fluência. Taxava-se Ouro Preto de cidade suja, insalubre. (NATAL, 2007, p.19).

Acompanhava-se, então, a necessidade do progresso e Ouro Preto, com uma imagem vinculada ao estigma de cidade colonial, era comparada a capitais que pudessem ser um polo industrial. A estrutura improvisada, devido exploração do ouro na cidade, determinava sua forma urbana:

A exploração do ouro em Ouro Preto determinou a forma urbana da cidade, marcada pela improvisação e pela irregularidade. As construções foram erguidas sem planejamento prévio, adaptando-se às condições do terreno e às necessidades imediatas dos moradores" (SILVA, 2010, p. 23).

A falta de saneamento básico, a topografia da cidade e a queda da mineração também reforçaram a ideia de uma cidade estagnada, o que foi um dos grandes motivadores para que a cidade deixasse de sediar a capital mineira.

Os discursos que questionavam o status de Ouro Preto como capital apelavam demasiadamente ao argumento de que a cidade, muito devido a seu caráter

extremamente acidentado e montanhoso, não se enquadrava nestas premissas de centralidade e trânsito fluente, pois seria um núcleo de acesso e circulação dificultados por sua topografia e disposição urbana. (NATAL, 2007, p.28).

No ano de 1879, a capital mineira é transferida para o antigo Curral Del Rey, onde uma nova cidade (Belo Horizonte) estava sendo estruturada e planejada, levando consigo parte da população que tinha recursos e aquisições financeiras, além de comerciantes, negociantes, profissionais e é claro, o centro administrativo mineiro, impactando diretamente na economia e visibilidade da cidade. Sendo assim, Ouro Preto passou a ser abandonada, entrando em um limbo, tendo uma evasão grande dos antigos moradores, rumo à nova capital e a novas oportunidades de trabalho, sendo apenas a sombra de seu passado:

No início do século XX, depois de sofrer com a perda do status de sede político-administrativa, Ouro Preto sucumbe a um período de crise, pautado, principalmente, pelo esvaziamento populacional – pois a maior parte de sua população muda-se para Belo Horizonte e para regiões economicamente mais prósperas, como é o caso da Zona da Mata e sul de Minas – e pela falta de uma atividade econômica de peso. (NATAL, 2007, p.72).

Apesar da sua grande perda econômica, a cidade passou a buscar soluções possíveis para não se deixar levar pelo esquecimento e uma dessas soluções foi a valorização da arte e memória de sua história, preservando suas construções arquitetônicas e enfatizando a sua importância e identidade cultural. Influenciada pelo modernismo, a cidade estava aberta a possibilidades de desenvolvimento.

O modernismo assumia a sua contradição essencial: na busca do novo, encontrava, através do velho, uma identidade genuinamente brasileira, encontrava uma tradição brasileira – no presente, o passado. À medida que o conjunto arquitetônico barroco era valorizado, a relação dos artistas brasileiros com o modelo europeu ia sendo revista (FRANCO, 2013, p.212).

Nesse sentido, o processo de modernização em Ouro Preto faz um “movimento contrário”, as estruturas não seriam alteradas e as histórias do período colonial continuariam caracterizando a história da cidade. A estética da cidade, com suas ruas e vielas, deixou de ter um olhar pejorativo sobre si, passando a ser uma característica. O olhar se volta ao sagrado e Ouro Preto passa a ser reconhecida como berço da identidade nacional.

Em 13 de janeiro de 1937 é fundado o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo a cidade tombada no ano de 1938.

Este status que lhe foi conferido é econômica e culturalmente importante para Ouro Preto na medida em que contribui para atrair turistas, fazer pulular eventos culturais, ser visitada por intelectuais renomados, afluir excursões de alunos do Brasil e exterior, chamar atenção de autoridades que a convertem em cenário de espetáculos políticos, etc... Esta atmosfera cosmopolita, aliada à presença de milhares de estudantes, ligados à UFOP, gera um ritmo frenético ao cotidiano e cria uma efervescência cultural mais ou menos permanente (JESUS, 2009, p.7).

As casas, que antes tinham sido abandonadas por antigos proprietários, agora eram

ocupadas pelos estudantes que vinham para a cidade. A elite acadêmica, juntamente com empresas privadas, tais como a Casa do Estudante da Escola de Minas e Fundação Gorceix, passaram a investir em propriedades nas regiões centrais da cidade, que hoje em dia, são propriedades da UFOP e funcionam como "Repúblicas Federais". "Uma forma encontrada pelas elites acadêmicas de possibilitar a vinda e a permanência de um maior número de estudantes em Ouro Preto, e também, para aproveitar o dinamismo dos estudantes vindo destes incentivos ou investimentos (JESUS, 2009, p. 7)."

A cidade Universitária

O aumento da população universitária e o processo de patrimonialização da cidade passaram a ser características do processo de gentrificação de Ouro Preto: a cidade assume a história do período colonial e passa a tratar seus espaços como uma mercadoria cultural, desenvolvendo-os seletivamente de acordo com as demandas necessárias para receber os turistas, como cita Passos 2018:

O espaço público patrimonializado tornou-se uma mercadoria cultural passível de apropriação pelo capital, desenvolvendo as funções sociais da cidade seletivamente de acordo com os interesses neoliberais – de forma que a sua fruição seja garantida apenas a alguns atores sociais. É possível observar a prioridade dada à fruição dos turistas nos centros culturais em detrimento da fruição da população local, já que a 'venda' da experiência cultural da cidade será rentável para a mesma, isto é, a mercantilização do espaço é uma "estratégia para o desenvolvimento da economia global que visa o capital e desconsidera o social" (PASSOS, 2018, p. 20).

A contribuição dos universitários para esse processo de gentrificação, está relacionada à falta de vínculo, já que parte dos alunos não se envolve em problemas políticos e sociais que englobam a cidade, como cita Jesus (2009, p. 14):

O mundo dos estudantes é uma cidade à parte, que se cruza com Ouro Preto e ao mesmo tempo não, são como se eles não se envolvesse (sic) com ela, com sua história e sociedade e também com os seus moradores e comunidade, é como se fizessem parte dela apenas fisicamente, ocupando somente o seu espaço físico, uma vez que eles não se envolvem nos problemas sociais dela, e ali apenas estivessem para desfrutar do que a cidade lhes (sic) pode oferecer, sem contudo lhes retribuir o favor dos moradores locais, quando estes os acolhem durante seu período de universidade, sem quase nada receber em troca.

As residências do centro histórico passam a ser valorizadas e ocupadas por museus, repúblicas estudantis, pousadas, restaurantes, comércios e a população local, de baixa aquisição financeira vai sendo gradativamente deslocada para áreas onde as casas e custo de vida seriam mais baratas. Assim, a população do centro histórico vai sendo substituída por populações com poder aquisitivo, o que revela uma segregação social e cultural dos

moradores nativos de Ouro Preto em relação às representações que eram vendidas sobre a cidade, para o interesse econômico. Pensando na perspectiva do turismo, o centro histórico precisava passar por uma higienização para valorização do patrimônio histórico.

Ouro Preto foi uma cidade que surgiu devido à exploração mineral e, portanto, uma cidade construída e constituída por pessoas escravizadas. Uma cidade de negros que, mesmo após a abolição da escravidão, não tiveram (sic) seus direitos para uma vida digna garantidos, como moradia, educação e lazer, ocupando territórios indesejados da cidade – que “sobraram” –, como morros e áreas de deslizamentos. (TROMBETA, 2020, p. 56).

Dessa forma, para além do cunho histórico relacionado ao passado colonial, a segregação faz parte da cidade de Ouro Preto, tornando-a uma “cidade de papel”, onde as áreas centrais são dificilmente ocupadas por nativos e a história que continua sendo contada não é mais a dos moradores ou do que acontece na cidade naquele momento, mas sim o reforço e valorização de um passado colonial, marcado por histórias de sofrimento e escravidão, trazendo também, um processo de apagamento das tradições e costumes da população nativa.

Ouro Preto torna-se referência de cidade histórica e cidade universitária: a população flutuante que passa por ela é numerosa e isso reflete diretamente em sua dinâmica. Uma relação hierárquica se estabelece, sendo priorizados, a princípio, o turismo e a universidade, de modo que as estruturas são adaptadas para receber essas pessoas e a população nativa de Ouro Preto passa a acompanhar sua cristalização no tempo, tornando-se espectadora da própria cidade.

Ao escrever sobre Ouro Preto, trago à mente as palavras de Desgranges, numa livre associação que permeia minhas reflexões sobre o processo de segregação e apagamento das tradições e costumes da população nativa:

“Sem direção precisa, este observador da cidade passeia pelas ruínas deixadas pelo processo civilizatório, criando novos significados para os pedaços que encontra, para os restos que recolhe enquanto passa; visitando construções que retratam uma memória em destroços” (DESGRANGES, 2003, p.119).

Como mencionado anteriormente, o cotidiano dos nativos da cidade é atrelado às atividades turísticas e universitárias, o que traz diferentes formas de relação entre o centro e as periferias. O centro da cidade em grande parte está voltado para comercialização cultural, enquanto os bairros com famílias de baixa condição financeira estão localizados em áreas vulneráveis, compostas por encostas e morros e afastados do centro histórico. Além da relação

geográfica da cidade, o processo de apagamento e geopolítica também faz parte do cotidiano dos cidadãos ouropretanos.

As noções de patrimônio que aparecem para os cidadãos de maneira genérica e polarizada, demarcando simbolicamente os lugares nobres dos lugares não nobres, não são capazes de abarcar o sentido de pertencimento que as subjetivações dos indivíduos dão aos lugares praticados no cotidiano (GASPERI, 2016, p.110).

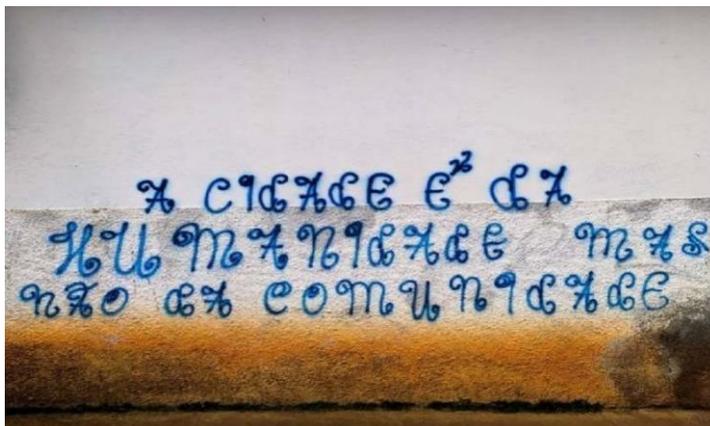
Os dias atuais são marcados pela divisão e estruturação gentrificada da cidade, na qual como dito acima, as relações são claramente estabelecidas. Ouro Preto é vista pelos turistas que a visitam como nada além do centro histórico. A maioria deles nem tem a noção do tamanho da universidade e sua influência sobre a cidade de Ouro Preto, porque isso seria indiferente para movimentação do Turismo. Passam um período de tempo e saem com uma visão pronta da cidade, pensada economicamente para ela continuar tendo a imagem de cidade sagrada.

Por outro lado, as casas ocupadas pelas repúblicas estudantis no centro histórico não permitiram que o processo de gentrificação avançasse tanto como em outras cidades históricas, como, por exemplo, Tiradentes, que quase não tem uma população nativa ocupando suas habitações. Ao decorrer deste artigo, muitos moradores anseiam por ocupar os espaços da universidade, mas não sabem do acesso gratuito, tornando essa questão muito mais profunda do que apenas o processo de gentrificação da cidade, pois mostra os reflexos de uma sociedade estruturada a partir de um passado colonial que traz o afastamento cultural e social nas relações estabelecidas na cidade:

Os movimentos periferia-centro e centro-periferia só ocorrem em meio a uma infinidade de atravessamentos de signos que envolvem os cidadãos, na construção de imagens elaboradas a partir das vivências na cidade. Não existe cidade sem os imaginários acerca dela. A relação dos cidadãos com seus contextos de moradia e de participação na comunidade local favorecem distintas óticas sobre a mentalidade urbana. Nesses ambientes, há diferentes discursos de “utilização da cidade”, mostrando para muitos cidadãos que determinados pontos da cidade não são para todos, mas sim, para uma parcela de moradores da mesma. (GASPERI, 2016, p. 57).

Posto isto, convido vocês leitores a pensarem em uma provocação e volto a trazer a expressão “nativo” se a palavra significa “próprio do lugar onde nasce”, qual seria a problemática em se referir ao cidadão ouropretano como nativo? Seria esse um processo de divisão e não reconhecimento dos povos que vivem ali? As pessoas são chamadas por “forasteiros” de “nativos”, mas não se colocam mais no lugar de nativo por não se identificarem com as histórias retratadas, cidade e centro-histórico, afinal, essa imagem criada da cidade não foi pensada a partir da valorização dos moradores, mas na comercialização da cultura local.

Figura 1 - Pichação na parede externa de uma casa no Bairro Rosário, Ouro Preto (MG)



Autor: desconhecido, s/d

Sendo assim, os processos de gentrificação na cidade de Ouro Preto não refletem apenas na cultura e valorização da identidade nacional, mas também na relação sociocultural dos moradores, sendo percebidos até mesmo na expressão corporal das pessoas nativas da cidade. O corpo carrega consigo uma relação biopolítica e os moradores de Ouro Preto retratam, em seus corpos curvados, uma sobrevida em que aceitam a situação imposta pelo poder do estado.

O que é o corpo? É aquele que não aguenta mais. Como assim? O que será que o corpo não aguenta mais? O corpo não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro. Por exemplo, o corpo não aguenta mais o adestramento civilizatório que por milênios se abateu sobre ele (PELBART, p.62).

Dessa forma, o corpo traz marcas inconscientes de uma docilização e higienização veladas, oriundas do processo civilizatório de Ouro Preto. Para analisar com um olhar mais crítico o reflexo desses processos, apresentarei no próximo tópico do artigo uma situação observada durante a minha prática docente na escola Izaura Mendes, no ano de 2019, localizada no bairro Piedade, uma das regiões periféricas de Ouro Preto.

CORPO E PERTENCIMENTO

Neste tópico, aspectos observados por mim durante minha prática docente no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do subprojeto de Artes do Departamento de Artes Cênicas (DEART) da Universidade Federal de Ouro Preto²,

² O programa funciona na UFOP desde 2009 e seu objetivo é propiciar a iniciação dos estudantes bolsistas dos cursos de licenciatura na profissão docente e estimulá-los a permanecerem nessa profissão após a conclusão de seus cursos superiores. Disponível em < <https://www.prograd.ufop.br/%3Cnolink%3E/pibid-ufop>>

fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O programa oferece bolsas de iniciação à docência a alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. O PIBID, criado pelo Decreto n.º 7.219/2010 e regulamentado pela Portaria 096/2013, uma das iniciativas das políticas de formação inicial de docentes e visa, principalmente, a valorização do magistério.

O subprojeto veio contribuir para a articulação entre as diferentes licenciaturas da UFOP, colaborando para o enriquecimento das práticas educativas. Principalmente por seu caráter transdisciplinar, o subprojeto tem exercido um papel ativo demonstrando a importância do diálogo entre as várias disciplinas para a construção do conhecimento, tendo sido procurado para a realização de ações conjuntas com outros PIBID, tal como oficinas, em especial, as Artes Cênicas, a Música, Filosofia e Letras. Com isso, o subprojeto tem contribuído para dar maior visibilidade à licenciatura em Artes e em Filosofia e para a importância do lugar da arte-educação e para a filosofia política no contexto escolar. A interação com as escolas de educação básica, imprescindível para os cursos de licenciatura, tem se fortalecido e se consolidado. Além disso, a aproximação da universidade com a rede de escolas públicas da região favorece a reflexão sobre a formação de professores e, também, o lugar que os mesmos ocupam nas escolas da região. Desse modo, o subprojeto vem contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas dos docentes envolvidos com as licenciaturas (GASPERI; GARCIA. 2020, p. 1560)

A análise será feita a partir do estudo de caso de atividades desenvolvidas com alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Izaura Mendes³, no bairro Piedade, em Ouro Preto, com início no ano de 2018 e finalizada no ano de 2020. As práticas desenvolvidas em sala de aula foram consideradas possíveis para utilização do cumprimento de horas do estágio obrigatório da Licenciatura em Artes Cênicas, devido pandemia de COVID-19, pela portaria nº 5 da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), de 4 de fevereiro de 2021: “Participação em atividades do PIBID e do Residência Pedagógica desde que não haja duplicidade no aproveitamento das horas em outros componentes curriculares.” (PROGRAD,2021). Sendo assim, os dados e estudos apresentados foram feitos durante o tempo em que atuei no PIBID (2018-2020).

Adentrando Ouro Preto e fugindo do típico centro histórico da cidade, meu primeiro contato com a população ouropretana foi no bairro Piedade com localização distante do centro e ruas de difícil acesso, além de becos, vielas, encostas e barrancos que compõem suas características. Para uma relação ser estabelecida com os discentes da escola, era necessário o

³ A escola funciona em dois turnos (manhã e tarde), tendo Ensino Fundamental I, (1º ao 5º ano) funcionando com 7 turmas e o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) funcionando com 6 turmas, com o currículo baseado na Base Nacional Comum Curricular nas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB 9394/96). Endereço: Praça Nossa Senhora da Piedade, S/N, Piedade, Ouro Preto – Minas Gerais. CEP: 35400-000. Telefone: 3559-3313. E-mail: escolaizauramendes@yahoo.com.br. CNPJ: 01.979.652/0001-82.

convívio, o que seria difícil já que as aulas de artes eram realizadas apenas uma vez na semana e pelo bairro ser localizado distante do polo universitário e histórico de Ouro Preto. Contudo, a pesquisa desenvolvida parte de um anteprojeto que previa o desenvolvimento da prática em sala de aula, onde duas situações simples, de imagens corporais dos estudantes, foram os motivadores para à escrita do presente artigo.

Figura 2 - Atividade prática em sala de aula



Fonte: Acervo pessoal. 2019

O anteprojeto, “Um olhar para além da escola: como a relação com seu espaço te afeta?”, desenvolvido por mim e minha amiga⁴ B Campos, buscava analisar a relação dos estudantes com seus espaços de convivência, tais como escola e bairro, e tinha como objetivo oferecer um espaço de reconhecimento individual para os alunos. Dessa forma, no primeiro momento era necessário mapear e perceber a relação dos alunos com a escola e bairro, sendo proposta, uma atividade de “reconhecimento de campo”, na qual caminhávamos pelo bairro e registrávamos quais eram os locais onde os estudantes se sentiam mais confortáveis e o que eles gostavam ou não naqueles espaços.

Os alunos aderiram à prática e se empolgavam contando as histórias do bairro. Nesse momento, eu percebi como aqueles corpos eram expressivos e se sentiam à vontade retratando a história do lugar onde viviam, citando também as modificações que eles julgavam

⁴ Nesse ponto do texto, foi utilizada a linguagem inclusiva e pronomes neutros para me referir a minha amiga B. Campos, que se identifica como não binária.

necessárias, sendo algumas delas relacionadas com a estrutura do bairro, como a antiga quadra que, antes, era utilizada para atividades de Educação Física e que, agora, estava abandonada e alagada. Podia-se observar o descaso da cidade com aquele bairro afastado e, em alguns relatos feitos em rodas de conversas, era possível perceber também que a falta de policiamento no bairro dava espaço para situações de violência, pois os alunos já estavam inseridos em discursos e conversas sobre o tráfico de drogas.

Apesar das questões relacionadas à estrutura do bairro, marcada pela falta de investimento em espaços que não caracterizam a estética turística ou patrimonial de Ouro Preto, eu percebia naqueles alunos o conforto de caminhar pelo Piedade, Com o corpo aberto, o olhar pra cima e o orgulho de contar a história de algumas figuras que moravam ali. Perguntei se os alunos conheciam o centro histórico e o que eles mais gostavam ali e percebi um receio deles ao mencionar suas partes preferidas do centro histórico, sendo a maioria das respostas a Praça Tiradentes, onde normalmente acontecem eventos da cidade. Para minha surpresa, percebi também que existiam alunos acanhados em responder, pois não conheciam nenhuma referência daquela parte de Ouro Preto.

O desenvolvimento da atividade que buscava relacionar o espaço da escola com a comunidade foi um processo pautado em práticas teatrais diversas, que visavam analisar as relações de poder em que bairro e cidade estavam inseridos. Em uma sexta-feira, chegamos à escola e fomos comunicados que acompanharíamos os alunos em um passeio até o centro histórico, para assistirmos um filme que seria exibido no Cine Vila Rica⁵. Estivemos no centro acompanhando a sessão de cinema e, quando finalizada, os alunos se dirigiram ao ônibus. Nesse momento, pude perceber como a expressão corporal se modificou estando no centro histórico de Ouro Preto.

Capuz, braços cruzados, corpo encurvado, olhar voltado para baixo e a rapidez com que se locomoviam do cinema para o ônibus foram alguns dos aspectos que fizeram a relação de pertencimento dos estudantes se tornar nítida naquele momento: parecia que queriam fugir e passar despercebidos do olhar dos turistas que transitavam pela cidade. Uma relação inconsciente do corpo docilizado dos estudantes se mostrava naquela situação, o que Foucault retrata como política das coerções:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para operarem como se

⁵ Cinema histórico localizado no endereço Praça Reinaldo Alves de Brito, 47 - Ouro Preto, MG 35400-000.

quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT 1999. p.118).

Assim, a postura dos estudantes pode ser vista como um reflexo da disciplina imposta pela sociedade sobre seus corpos, tornando-os dóceis e submissos, corpos violentados e rejeitados. Penso que a sensação de pertencimento ou exclusão pode estar diretamente relacionada a essa dinâmica do poder, na qual o corpo é o objeto de controle e manipulação. Neste momento, me questionei sobre como subverter e ressignificar o espaço, o corpo e as relações entre os alunos e a cidade.

MAPA DE AFETOS: O CORPO COMO TERRITÓRIO

O corpo aparece aí como sinônimo de certa impotência, mas é aqui que se precisa pensar nessa virada. É dessa impotência que ele extrai uma potência superior. Como pensar conjuntamente certa impotência, e essa potência superior extraída dessa impotência?(PELBART, 2007 p. 64).

Pelbart traz à tona a questão da impotência e potência do corpo, questionando sobre a necessidade de sua decomposição e desconfiguração, para que forças que o atravessam liberem novas potências, retomando o corpo como afectibilidade, como poder de afetar e ser afetado, como fluxo, vibração, intensidade e até mesmo como poder de começar:

Se os que melhor diagnosticaram a vida bestificada, de Nietzsche e Artaud até os jovens experimentadores de hoje, têm condições de retomar o corpo como afectibilidade, como poder de afetar e ser afetado, como fluxo, como vibração, como intensidade, e até mesmo como poder de começar, será que isso não ocorre também porque entre nós esse sufocamento teria atingido um ponto intolerável? Não estamos nós todos nesse ponto de sufocamento que justamente por isso nos impele numa outra direção? Por fim, talvez haja algo na extorsão da vida que deve vir à tona para que essa vida possa aparecer diferentemente. (PELBART, 2007, p.65)

O corpo aparece como dispositivo da ação, como lugar de potência - a partir dele, de seus atravessamentos, experiências e vivências que podemos entender o corpo como afetividade, como poder de afetar e ser afetado. Logo, durante minha prática na Escola Municipal Izaura Mendes, a partir das relações e expressões corporais observadas durante as aulas citadas no tópico acima, propus a atividade do Mapa de Afetos, com o intuito de entender, a partir do olhar dos discentes, quais eram as relações que os cercavam na cidade.

Os afetos são fundamentais para construção dos espaços urbanos e compreensão das relações sociais, porque a partir de memórias e relações afetivas que são construídas a subjetividade do indivíduo. Sendo assim, o mapa de Afetos pode ser um importante exercício para compreensão dessa subjetividade e das relações de poder presentes em determinado

espaço.

Os mapas abstratos são para nós de especial interesse, pela ênfase nos sinais emotivos e expressivos que se destacam em suas características imagéticas. Encontramos nestes recursos a possibilidade de desenvolvimento de um método de intervenção no urbano que possa não somente ser *lido*, mas, também, *visto*. (BONFIM, 2008, p.257)

Um rolo de papel tipo *kraft* foi nosso ponto de partida, de modo que a disposição do espaço contava com a folha que atravessava a sala, além de muitas canetas, tintas, pincéis, revistas, tesouras, colas e uma caixa de som. O primeiro momento foi destinado a entender as relações, olhares, contradições e afetos a respeito da cidade. Os alunos poderiam colocar as músicas que quisessem na caixa de som porque, para entender seus espaços de afeto, também era necessário entender e conhecer suas referências.

Enquanto conversávamos sobre a cidade, desenhavam e escreviam sobre seus locais de pertencimento, falavam sobre seus incômodos, sobre o que gostavam ou não na cidade e quais eram as possibilidades de mudança desses ambientes, além de apontar os assuntos e discussões que gostariam de ter durante as aulas. O desenho, a escrita, as metáforas e a música foram formas de expressão dos afetos. Bonfim (2008) traz essas formas de expressão como instrumentos geradores do mapa: o desenho como o momento para expressão dos sentimentos, a escrita como tradução da dimensão afetiva, as metáforas como recurso de síntese, que vão além da cognitividade e conquista da intimidade.

Foi possível encontrar grandes potencialidades nessa prática e, quando mapeados os espaços de afeto ou da falta dele, para mim, foi notório que a maior parte das relações envolvia o bairro e espaço escolar dos alunos, assim, deixamos o mapa exposto no mural da escola. No entanto, o mapa de afetos foi o ponto inicial da experiência e, após sua feitura ainda era necessário questionar e desconstruir a relação e a falta de pertencimento dos alunos com a cidade de Ouro Preto.

Os jogos teatrais foram os dispositivos para pensar essas relações, pois, ao utilizar o teatro como dispositivo de ação, é possível questioná-las e transformá-las, permitindo que os alunos se tornem protagonistas na construção de um ambiente mais acolhedor e justo. Boal (2009) defende o teatro como um espaço de experimentações de novas formas de vida social, para ele o teatro é uma forma de intervenção no mundo, capaz de criar espaços de diálogo e reflexão, de estimular a criatividade e a imaginação, promovendo a conscientização crítica sobre a realidade que vivemos. Nesse sentido, o mapa de afetos e o teatro do oprimido foram ferramentas complementares, promovendo o diálogo, compreensão das emoções, sentimentos e relações presentes em determinada situação.

O TEATRO DO OPRIMIDO E O MAPA DE AFETOS COMO DISPOSITIVO DA AÇÃO.

O que a Poética do Oprimido propõe é a própria ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar: ao contrário, ele mesmo assume um papel protagônico, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real. Por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente “ensaio” da revolução. (BOAL, 2009, p.138- 139)

A Poética do Oprimido propõe um tipo de teatro interativo, em que o espectador é convidado a participar ativamente da ação teatral. Boal (2009) afirma que o objetivo desse tipo de teatro não é apenas entreter, mas conscientizar e mobilizar as pessoas para a transformação social. Como a citação acima evidencia, o teatro do oprimido não transforma o espectador em agente da transformação social, mas permite que, ao protagonizar a ação cênica, ele possa se preparar para a ação real...ou seja: transformar em cena ainda não é uma transformação social, mas aponta para ela. Ele acredita que o teatro pode ser uma forma de praticar a cidadania, permitindo que as pessoas experimentem diferentes formas de arranjo político e social.

Nesse contexto, a utilização dos jogos teatrais e do mapa de afetos, pode ser uma ferramenta valiosa para a prática da Poética do Oprimido. Os jogos teatrais proporcionam um ambiente descontraído e criativo para a exploração de diferentes possibilidades de ação, enquanto o mapa de afetos permite que os participantes reflitam sobre suas emoções e sentimentos em relação a uma determinada situação, ambos têm em comum a proposta de utilizar a expressão corporal como forma de compreender e transformar as relações sociais presentes em determinado espaço.

Para desenvolver a prática teatral em conjunto com o mapa de afetos, analisamos quais eram as questões levantadas em coletivo, como a falta de espaços de lazer no bairro, a violência, o estranhamento com o centro histórico de Ouro Preto, o afastamento dos estudantes com a universidade, as referências que apareciam nas músicas que tocavam durante a atividade, etc. A proposta foi criar cenas que expressam os sentimentos e as relações dos alunos com a cidade, a partir das informações fornecidas durante a elaboração do mapa.

Figura 3: Jogos teatrais



Fonte: Acervo pessoal. 2019

A primeira proposta que apresentei aos discentes foi a criação de cenas a partir dos locais mapeados, de modos que pudessem utilizá-los como inspiração para a criação teatral. Por exemplo, se um aluno indicou que a Praça Tiradentes ⁶ é um lugar importante pra ele, pode-se criar uma cena em que os personagens interagem nesse ambiente.

O Teatro-fórum é uma técnica do teatro do oprimido em que uma cena é apresentada para à plateia e, em seguida, o público é convidado a intervir e mudar o curso da ação. Esse formato pode ser utilizado a partir do mapa de afetos para discutir questões relacionadas aos espaços mapeados. Assim, os jogos se desdobravam de diversas formas em sala de aula, sempre pensando em trabalhar a relação com a cidade de Ouro Preto por exemplo, propus aos alunos que criassem uma cena em que um grupo de estudantes é expulso da Praça Tiradentes, onde eles costumavam se encontrar para trocar ideias. Na cena, eles retratam a falta de diálogo e o abuso de poder por parte daquelas pessoas que ignorou as demandas dos estudantes da região. Em seguida, os demais alunos poderiam intervir e propor soluções para o problema.

Qualquer pessoa pode propor qualquer solução, mas para isso deverá ir à cena, trabalhar, fazer coisas, agir, e não simplesmente falar. E ninguém pode propor nada na comodidade de sua cadeira. Muitas vezes, em debates posteriores a espetáculos

⁶ Rua Agua Limpa Antônio Pereira, Ouro Preto - MG, 35411-000. A Praça Tiradentes é uma praça localizada na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Foi onde a cabeça de Tiradentes foi exposta na época da independência mineira, no local hoje se encontra um monumento em homenagem a Tiradentes

convencionais, tenho visto espectadores sempre disconformes que revelam ser extraordinários revolucionários... porém sentados nas suas poltronas. Falar é muito fácil, é muito fácil sugerir atos heróicos e maravilhosos. O mais difícil é realizá-los. Esses mesmos espectadores se darão conta de que as coisas são um pouco mais difíceis do que pensam se tiverem que fazer eles mesmos os atos que preconizam. (BOAL, 2009, p. 161,162)

O teatro-imagem é uma técnica, em que um tema é escolhido e a partir dele os participantes criam cenas utilizando o corpo, sem diálogos. O objetivo é explorar a linguagem corporal e as emoções para criar cenas que expressam o tema proposto. Para utilizar o teatro-imagem com o mapa de afetos, a proposta foi criar cenas que expressam os sentimentos dos alunos com a cidade, a partir das informações fornecidas no Mapa de Afetos. Para Boal (2009) essa forma de teatro é uma das mais estimulantes, por ser tão fácil de praticar e por sua extraordinária capacidade de tornar visível o pensamento.

Se eu digo a palavra “revolução”, evidentemente todos compreenderão que eu estou falando de uma transformação radical mas, ao mesmo tempo, cada um pensará na “sua” revolução, em seu conceito pessoal de revolução. Mas se ao invés de falar, eu tiver que fazer um conjunto de estátuas que signifique a “minha” revolução, neste caso não existirá a dicotomia denotação-conotação. A imagem sintetiza a conotação individual e a denotação coletiva. (Boal, 2009, p. 159)

Ao participar de um espaço de questionamento e reflexão sobre as relações sociais, os alunos puderam desenvolver uma maior consciência crítica sobre o mundo que os cerca e se tornar agentes ativos de transformação, assim, as práticas teatrais podem ser adaptadas de acordo com as necessidades e objetivos de cada contexto educacional. As práticas apresentadas a partir do Mapa de Afetos e teatro do oprimido são algumas sugestões, contudo é importante lembrar que cada grupo de alunos tem suas particularidades e necessidades específicas, e que as práticas teatrais devem ser adaptadas de acordo com essas características.

Ademais, após as práticas teatrais desenvolvidas ao longo do semestre, recebemos a proposta de desenvolver um circuito de oficinas, no qual os bolsistas participantes do PIBID trabalharam em conjunto com as turmas da Escola Municipal Izaura Mendes. Durante a proposta desenvolvida por nossa turma, reformulamos a ideia do Mapa de Afetos para que dentro do tempo, conseguíssemos desenvolvê-lo com o maior número de estudantes possíveis. Sendo assim, trouxemos a ideia da construção de poesias dadaístas, a partir do sorteio de palavras que os alunos propunham quando passavam pela sala, as palavras deveriam ser relacionadas a Ouro Preto.

Imagem 4: Fitas



Fonte: Acervo pessoal. 2019

Boal (2009) acredita que nós, artistas de teatro, devemos transferir ao povo os meios de produção teatral, para que se pratique teatro e que se utilize a técnica teatral para seu próprio fim, como bem desejar.

Os jogos teatrais são uma prática do teatro que é desenvolvida a partir do lúdico e, em algumas técnicas dos campos abstratos, prepara o ator para a ação, para o palco. Nos jogos teatrais do Teatro do Oprimido, o jogo cênico é um ensaio para ação da vida cotidiana, pensando no reconhecimento de situações que são parte da vida dos participantes.

O mundo é dado como conhecido, perfeito ou a caminho da perfeição, e todos os seus valores são impostos aos espectadores. Estes passivamente delegam poderes aos personagens para que atuem e pensem em seu lugar. Ao fazê-lo, os espectadores se purificam de sua falha trágica - Isto é, de algo capaz de transformar a sociedade. *Produz-se a catarse do ímpeto revolucionário! A ação dramática substitui a ação real.* (BOAL, 2009, p. 180,181)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar das práticas analisadas neste artigo, percebe-se que a história da cidade é contada a partir de uma valorização da perspectiva colonial, levando ao apagamento das tradições históricas e costumes locais na atualidade. O processo de gentrificação ocorrido na cidade de Ouro Preto, decorrente ao aumento da população universitária e do processo de patrimonialização da cidade, fez com que ela se tornasse um bem cultural que é desenvolvido seletivamente para atender às demandas dos turistas, enquanto os interesses da população

local são muitas vezes negligenciados.

A contribuição dos universitários para esse processo de gentrificação está relacionada à falta de engajamento deles com as questões políticas e sociais da cidade, o que leva a um distanciamento social e cultural entre eles e a população local. A relação “hierárquica” entre o turismo, universidade e população nativa fez da população local um espectador da sua própria cidade.

Busquei analisar duas situações que ocorreram em minha prática docente em 2019, na Escola Municipal Izaura Mendes, localizada no bairro Piedade, uma das regiões descentralizadas de Ouro Preto-MG, onde no contexto do bairro, o corpo dos estudantes se caracterizava por gestos expressivos e quando estavam no centro-histórico parecia que queriam fugir dos olhares das pessoas que transitavam cidade. O corpo é um território de afetos, em que sua impotência e poder devem ser questionados, pensando na necessidade da desconfiguração, da abertura para novos atravessamentos, para liberar novos potenciais. O corpo é apresentado como instrumento de ação e lugar de poder, em que as experiências vividas permitem entendê-lo como afetividade, como poder de afetar e ser afetado.

O Mapa de Afetos foi um exercício importante para entender a subjetividade e as relações de poder em um determinado espaço. A atividade permite identificar as potencialidades dos alunos e a importância de questionar e desconstruir a sua falta de pertencimento com a cidade. O mapa de afetos, relacionado ao teatro do oprimido, foi um dispositivo importante para promover a crítica à partir das questões apresentadas no mapa.

Dessa forma, considero importante o olhar voltado para expressividade dos alunos. O teatro vai além da composição de espetáculos teatrais, e apresento, em minha análise, a possibilidade de se pensar teatro a partir do sujeito, de si, do olhar, do gesto, da expressão corporal e dos afetos.

O corpo é político, porque a partir dele as relações e afetos são estabelecidas. As atividades que eu desenvolvi com os discentes fez com que a partir desse corpo e olhar, as relações fossem expostas, contadas e pensadas, para que dessa vez a cidade fosse retratada de uma outra forma, para que essa história fosse contada por quem faz parte dela, por quem vive e permanece na cidade, porque a cidade de Ouro Preto pertence aos moradores locais e são essas histórias que devem ser contadas.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Ana Laura. **Olhares sobre Ouro Preto: da patrimonialização ao cenário**

turístico. Caderno Virtual de Turismo, vol. 19, num. 1, 2019.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte: memória histórica e descritiva**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de estudos Históricos e Culturais, 1996.

BOAL, Augusto. **O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 2009.

BOMFIM, Zulmira. **Afetividade e Ambiente Urbano: uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos**. In: GUNTHER, José. Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente. São Paulo: All Books. 2008, p. 253 - 279

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FRANCO, M. A. **Ouro Preto dos poetas modernistas**. Remate de Males. Campinas, v. 33, n. 1-2, p. 211-224, jan.-dez. 2013.

GASPERI, Marcelo Eduardo Rocco de, 1981- **Entre a Metrópole e a Cidade Sagrada: uma análise comparativa entre o Obscena - Agrupamento Independente de Pesquisa Cênica (Belo Horizonte) e o grupo Transeuntes - Estudos Sobre Performance (São João Del-Rei) – 2016**.

JESUS, Fabrícia Matos. **A cidade Patrimonial: Memórias, Identidades e Tecidos Sociais em Ouro Preto (MG)**. Goiânia - Go / Ouro Preto – MG. 2009.

MACHADO, Otávio Luis. **As Republicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto**, Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais [online], 66 /2003, publicado a 01 de outubro de 2012, consultado em 06 de janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/1174>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.1174>

NATAL, Caion Meneguello. **Ouro Preto : a construção de uma cidade histórica, 1891-1933 / Caion Meneguello Natal**. - - Campinas, SP: [s.n.], 2007.

PELBART, P. P. (2007). **Biopolítica**. Sala Preta, 7, 57-56.

SILVA, M. R. **Ouro Preto: história, arte e cultura**. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

SILVEIRA, Marcelo da Rocha. **Atmosfera colonial na Ouro Preto Contemporânea**. Rio de Janeiro. Paisagens Híbridas, 2021.

TROMBETA, Thais Padula. **Sobre espaços urbanos patrimonializados e processos de gentrificação: estudo de caso sobre a Rua Direita em Ouro Preto/MG**. 2020. 91 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.